

"Pedro Figueiredo, mais sobre capitalismo social e a regulação dos monopólios"

Caro Pedro Figueiredo

Muito obrigado pelo seu texto e pela forma profunda e documentada como aborda esta temática. Não posso estar mais de acordo e de agradecer o que aprendi com o que escreveu. Mesmo muito de acordo com as respostas que o cooperativismo e o mutualismo nos podem dar, de que as sociedades de garantia mútua são em Portugal um recente caso que foi decisivo para o não desmoronamento de todo o sistema financeiro. Mas, para mim, capitalismo social pode ser tão simples como a edição de um disco cujas receitas revertem para a recuperação do Haiti, pelo que não o entendo como um conceito utópico.

Aliás, eu sou formado em economia mas cada vez mais procuro evoluir para algo que apelido de "acupuntura económica". Parece-me que precisamos mais de pequenas acções bem identificadas e de avaliar os seus efeitos, podendo depois ter de corrigir, do que de grandes planos para mudar o mundo todo de uma só vez, assente em qualquer princípio ideológico. Que também considero importantes e necessários, mas apenas para alimentar o sonho que dará um dia origem à prática. Os dias que actualmente temos de enfrentar são de acção e pragmatismo.

Como vi muito bem escrito no Facebook a propósito do meu texto, o "meu" conceito de capitalismo social é o misturar a gestão privada com objectivos públicos. Acrescento, sabendo que nos seres humanos há sempre algo que os pode motivar a agir em determinada direcção, para muitos, o dinheiro. Então, porque não usar essa essência no sentido que consideramos mais adequado para atingirmos uma sociedade mais coesa? Segundo Tim Harford, a maioria das decisões que tomamos na vida explica-se em função de incentivos: *"No combate às alterações climáticas, por exemplo, não adianta dizer às pessoas: mudem de hábitos porque estes estão errados. Para os políticos é uma opção cómoda, mas pouco eficaz. No entanto, se oferecerem incentivos fiscais e económicos conseguem-se mudar hábitos mais radicalmente"*.

Muhammad Yunus desenvolve há anos uma nova iniciativa, a empresa social. Este conceito consiste em lançar actividades económicas rentáveis, mas cujo objectivo seja o de proporcionar benefícios sociais aos excluídos do mundo económico. Assim, por exemplo, criou no Bangladesh com Frank Riboud, presidente da Danone, a sociedade Grameen Danone Foods, que vende aos habitantes de Jogra iogurtes frescos a baixo preço, servidos em embalagens comestíveis e vitaminadas. O negócio social consiste numa empresa sem dividendos e sem prejuízos. Quando se coloca 1 milhão de euros neste negócio, não se espera ter um retorno extra de um milhão de euros. Não se precisa disso. Tudo o que se pretende é recuperar o milhão de euros investido, ao mesmo tempo que se cria uma empresa que resolve um problema social definido, por exemplo, a saúde, através da uma empresa farmacêutica, que os apresente ao mercado medicamentos mais baratos para que todos os possam comprar. Como não há intenção de lucro, podem ser feitos mais baratos, sendo possível baixar os preços na comercialização, investindo-se menos nas embalagens e em campanhas de publicidade. As pessoas não são curadas pelas embalagens.

No âmbito da Associação de Cidadãos do Porto, lançamos o desafio de criar uma empresa social para a aquisição e gestão do aeroporto Francisco Sá Carneiro. Há já um exemplo parecido de gestão por privados de infra-estruturas portuárias que foi promovido precisamente por Yunus no Bangladesh.

*ACdP - Na última reunião da ACdP no Clube Literário do Porto referiram que a proposta que faria mais sentido para a gestão do Aeroporto Sá Carneiro era uma Parceria Público-Privado auto-regulada. Em que consiste esse tipo de parcerias?*

*José Ferraz Alves (JFA) - Esse conceito assume que a propriedade e gestão do Aeroporto é privada e autárquica.*

*Mas, em vez de aplicarmos uma regulação às taxas aeroportuárias, controladas por organismo público, exercemos essa regulação limitando o âmbito dos estatutos dessa empresa, que passa a ter por objectivo o desenvolvimento económico e social de uma região. E que apenas poderá recuperar, a título de dividendos, o capital aplicado pelos seus accionistas.*

*Terá que ser sustentável económico-financeiramente porque opera num mercado competitivo, sendo o excesso de capital gerado aplicado em acções de desenvolvimento*

*económico e social da região, por exemplo por redução das próprias taxas, pela oferta de voos grátis para estudantes, pela promoção do turismo da região, pelo desenvolvimento de novos serviços, ...*

*Que é a forma de ultrapassar a questão da própria privatização e as dúvidas que as pessoas colocam sobre os interesses privados neste negócio.*

*Assim ficam perfeitamente definidos e prossegue-se o objectivo público que de facto um aeroporto tem.*

*ACdP - Não lhe parece que essa ideia pode ser um pouco utópica?*

*JFA - Acho que a questão que devemos por é outra. Será que não estamos em tempo de experimentar soluções novas?*

*E, aliás, esta ideia nada tem de utópico, mas sim de novo, por exemplo a Danone já criou uma empresa com este objecto social (ver Danone Grameen).*

*Se repararmos bem, mesmo a proposta SONAE-Soares da Costa já incorpora esses objectivos de promoção da Região, apenas não chegou ao pormenor de retirar do âmbito da empresa a maximização dos lucros dos accionistas.*

*ACdP - O que tem a dizer aos detractores da opção gestão autónoma?*

*JFA - Parece-me que a única resposta é com factos, nomeadamente:*

- *que a região Norte tem 5 milhões de pessoas a 1h30 do aeroporto, contra os 4 milhões de Lisboa, o que demonstra um potencial de captação regional grande.*
- *que hoje não temos gestão autónoma e o resultado é um aeroporto subaproveitado no seu potencial de aeroporto âncora do Noroeste da Península Ibérica.*
- *que será o aeroporto de Madrid a ganhar o tráfego que já se faz da Galiza para o Porto e que não irá para Lisboa.*

*Pelo que não posso concordar.*

*E interessa ter um aeroporto de resposta às potencialidades da região, flexível, de quem conhece as actividades económicas da região.*

*ACdP - Finalmente, parece-lhe que no caderno de encargos deveria constar esta proposta da Associação de Cidadãos do Porto?*

*JFA - Não iria tão longe, parece-me no entanto que deveria haver um ponto de avaliação de propostas que acolhesse soluções inovadoras para a gestão e sua integração com os objectivos de desenvolvimento económico da região.*

Podem-me dizer que é utópico. Mas não é certamente a fantochada de alguns dos Reguladores para os monopólios privados e públicos que temos no país: "ex-presidente da Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos (ERSE) Jorge Vasconcelos [acusa os dois anteriores ministros](#) da Economia e do Ambiente de terem hipotecado os recursos hidroeléctricos do país, "permitindo que os accionistas de uma empresa privada, a EDP, se apropriem da renda de um bem público por uma geração e meia".

Cumprimentos

José Carlos Alves